

O SETOR DE FRANCHISING NO BRASIL EM RELAÇÃO A RECESSÃO DA ECONOMIA CAUSADA PELA CRISE ECONÔMICA NO BRASIL NOS ANOS DE 2014 A 2016

THE FRANCHISING SECTOR IN BRAZIL IN RELATION TO THE RECESSION OF THE ECONOMY CAUSED BY THE ECONOMIC CRISIS IN BRAZIL IN THE YEARS OF 2014 TO 2016

Kleber Mantovanelli BARBOSA

Faculdade UniNassau – Manaus/AM.
kleber0021@yahoo.com.br

Adalberto Aparecido Paula SILVA

Faculdade UniNassau – Manaus-AM.
depaulalogis@gmail.com

Recebido em 08/2017 – Aprovado em 02/2018

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os indicadores divulgados pela Associação Brasileira de Franquias - ABF dos anos de 2011 a 2016, para demonstrar se houve retração ou evolução das Franquias no Brasil no período de recessão da economia brasileira nos anos de 2014 a 2016. Um dos sintomas da crise é a forte recessão econômica. A finalidade da pesquisa é uma análise qualitativa dos indicadores divulgados pela ABF, em especial nos anos de 2011 a 2016, quanto aos procedimentos, à pesquisa é bibliográfica, quanto à metodologia é qualitativa. Verificou os indicadores divulgados pela ABF nos anos de 2011 a 2016, para demonstrar se houve retração ou evolução do franchising no período de recessão da economia brasileira e estudar os indicadores divulgados pela ABF nos anos de 2011 a 2016, para analisar se houve retração ou evolução do franchising no período de recessão da economia brasileira.

Palavras-chave: Franquia, Recessão, Indicadores ABF, Economia.

Abstract

The objective of this article is to analyze the indicators released by the Brazilian Franchise Association - ABF from the years 2011 to 2016, to demonstrate if there was a retraction or evolution of the Franchises in Brazil during the period of recession of the Brazilian economy in the years 2014 to 2016. One Of the crisis is the strong

economic recession. The purpose of the research is a qualitative analysis of the indicators published by ABF, especially in the years 2011 to 2016, regarding the procedures, the research is bibliographical, as far as the methodology is qualitative. Checked the indicators released by ABF in the years 2011 to 2016 to demonstrate if there was a retraction or evolution of franchising

in the period of recession of the Brazilian economy and to study the indicators released by ABF in the years 2011 to 2016 to analyze whether there was a retraction or evolution Of franchising in the period of recession of the Brazilian economy.

Keywords: Franchising, Recession, ABF Indicators, Economy.

1 INTRODUÇÃO

Franquia é uma modalidade de negócio comercial que envolve a distribuição de produtos ou serviços, mediante condições estabelecidas em contrato, entre franqueador e franqueado. O Franqueador é a empresa detentora da marca, que idealiza, formata e concede a franquia, ou seja, o possuidor do know-how do negócio, enquanto que o Franqueado é uma pessoa física ou jurídica, que adere à rede de franquia, no sistema de Franchising. O Franqueado investe recursos em seu próprio negócio, o qual será operado com a marca do Franqueador e de acordo com todos os padrões estabelecidos e supervisionados por ele.

As franquias envolvem a concessão e transferência da marca, da tecnologia, da consultoria operacional, dos produtos e serviços, dentre outros.

No Brasil, as franquias encontram respaldo legal na Lei 8.955, de 14/02/94, onde estipula as condições para o relacionamento entre as partes relativas ao contrato de franquia empresarial, conhecido como franchising.

Franchising é uma estratégia para a distribuição e comercialização de produtos e serviços. É um método seguro e eficaz para as empresas que desejam ampliar suas operações com baixo investimento, representando, por outro lado, uma grande oportunidade para quem quer ser dono de seu próprio negócio.

O Brasil está passando por uma grave crise econômica, tendo o seu início nos primeiros

meses de 2014 até o ano de 2016. A crise, em determinado período, estava ocorrendo juntamente com uma crise política que assola o país, que resultou no impeachment da então presidente Dilma Rousseff e aumentou a insatisfação geral com o sistema político atual, resultando em manifestações por todo o Brasil pedindo a interrupção do mandato de Dilma.

Um dos sintomas da crise é a forte recessão econômica. É a pior recessão desde os anos 1930, havendo recuo no Produto Interno Bruto (PIB) por mais de um ano consecutivo. A economia contraiu-se por cerca de 4,5% até o final de 2015. Em setembro de 2016, a taxa de desemprego chegava a 11,8%, atingindo 12 milhões de brasileiros. Em 2016 os efeitos da crise econômica foram amplamente sentidos pela sobrecarga nos serviços públicos e pela população, que precisou adaptar as contas para a realidade financeira. De acordo com pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) no ano, quase metade dos entrevistados (48%) passou a usar mais transporte público e 34% deixaram de ter plano de saúde. O aprofundamento da crise econômica levou 14% das famílias a trocarem a escola dos filhos de particular para pública em junho, com percentual superior aos verificados em 2012 e 2013, antes da crise. Além disso, os consumidores trocaram produtos por similares mais baratos (78%), esperando liquidações para comprar bens de maior valor (80%) e poupando mais para o caso de necessidade (78%) (Wikipédia). Dessa forma, a recessão causada pela crise econômica brasileira nos anos de 2014, 2015 e 2016 afetou o desenvolvimento do franchising no Brasil?

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo analisar os indicadores divulgados pela Associação Brasileira de Franquias - ABF dos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016, para demonstrar se houve retração ou evolução das Franquias no Brasil no período de recessão da economia brasileira nos anos de 2014, 2015 e 2016. De modo específico pretende: i verificar os indicadores divulgados pela ABF nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016, para demonstrar se houve retração ou evolução do franchising no período de recessão da economia

brasileira; ii Estudar os indicadores divulgados pela ABF nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016, para analisar se houve retração ou evolução do franchising no período de recessão da economia brasileira.

O artigo divide-se em referencial teórico sobre franchising, retratando como a recessão da economia brasileira, demonstrando a evolução ou retração no período de recessão econômica. Em seguida explicitam-se o referencial metodológico, bem como os resultados e considerações. Por último resumem-se as principais conclusões do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a Associação Brasileira de Franchising– ABF, as franquias são classificadas pelo seu estágio de desenvolvimento e profissionalismo, representando menor risco de investimentos para o franqueado. Portanto, uma franquia funciona como uma espécie de filial de uma determinada empresa. Através dela é possível oferecer o mesmo tipo de serviço, produto, distribuição e ambiente em vários locais ao mesmo tempo.

Souza (2011) analisou o perfil de franqueados como fator determinante para o sucesso das franquias, considerando desta forma algumas ferramentas de gestão empresarial como responsáveis pela expansão deste sistema. Deste modo, pressupôs-se que o sucesso das franquias que possuem o mesmo suporte da empresa franqueadora, diante de outras que fecham após algum tempo de abertas, decorre de forma relevante do perfil do franqueado.

Estes conjuntos de atributos pessoais e profissionais resultam na definição do perfil dos indivíduos que adotam a franquia como um modelo de negócio. Indicou que as redes existentes possuem gestores com alto grau de profissionalismo e investem fortemente na informatização dos seus empreendimentos, isto resulta em constantes monitoramentos de performance e análises de desempenho, o que

gera resultados positivos tanto para o franqueado como para o franqueador. Dessa forma, conclui que o perfil do franqueado influencia, de maneira direta e decisiva, o sucesso da estratégia de franchising.

Borini (2013) analisou a influência dos traços da cultura brasileira no processo de internacionalização das franquias nacionais, traçando um elo entre a trípole: franchising, internacionalização de franquias e traços da cultura brasileira. Investigando os traços da cultura brasileira no processo de internacionalização das franquias nacionais, concomitantemente ao dilema da padronização vs. adaptação.

Concluiu que a hierarquia e o formalismo são, efetivamente, os traços que exercem maior influência no processo de internacionalização das franquias nacionais. Por sua vez, o jeitinho, personalismo e fatalismo não mostraram influência no processo de internacionalização.

Marques (2005) analisou os motivos envolvidos na internacionalização de franquias brasileiras. O Brasil é o terceiro maior mercado mundial de franquias. Com a consolidação do setor, aumentam os casos de franquias brasileiras se internacionalizando. Apesar da popularidade deste sistema de distribuição e gestão, apenas recentemente a comunidade acadêmica começou a examiná-lo dentro do contexto da internacionalização do varejo. Constatando que influenciam na internacionalização, fatores organizacionais e ambientais dos países de origem e daqueles de destino, bem como percepções sobre riscos e oportunidades do processo.

Lima Júnior (2012) verificou as vantagens do sistema de franquia e verificou os níveis de satisfação de franqueadores e franqueados em relação ao sistema de franquia. Foram identificadas características do relacionamento das partes, especialmente aquelas associadas ao valor da marca, à gestão de marketing, à comunicação entrançada e à satisfação com o investimento na franquia empresarial. Percebeu-se relativa associação entre o segmento de atuação do franqueado e o respectivo nível de

satisfação, bem como a associação com o tempo de operação do negócio.

Klafke (2015) levou a compreensão da produção do espaço urbano em pequenas cidades no período atual, com base na instalação de franquias nessas cidades. Deste modo, o processo revelou a expansão geográfica da acumulação para as pequenas cidades que passam a atender também às demandas da reprodução hegemônica que redefine o uso do espaço nessas cidades. Nesse sentido, as pequenas cidades não podem mais ser vistas apenas como espaços de resistência e inserem-se também no contexto global tornando-se cidades mundializadas. Revela-se assim, novas contradições na produção de seu espaço urbano em pequenas cidades entre o comércio tradicional e a forma comercial mundializada das franquias.

3 METODOLOGIA

Com embasamento nos conhecimentos teóricos abordados relacionados a franchising, em especial nos indicadores divulgados pela ABF, com o objetivo de analisar e comparar se houve retração ou evolução do franchising nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016, apresenta-se, aqui a metodologia através da qual a investigação foi realizada.

A finalidade da pesquisa é uma análise qualitativa dos indicadores divulgados pela ABF sobre o franchising, em especial nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016, com intuito de verificar se houve retração ou evolução do franchising no período de recessão da economia brasileira no período de 2014, 2015 e 2016.

Quanto aos objetivos, é utilizada a pesquisa explicativa, uma vez que tem como objetivo analisar e explicar os indicadores divulgados pela ABF do franchising nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016, para demonstrar se houve retração ou evolução no período de recessão da economia brasileira nos anos de 2014, 2015 e 2016. A pesquisa explicativa tem o intuito de aprofundar a realidade dos conhecimentos,

explicando a razão e o porquê das coisas (GIL 2008).

Quanto aos procedimentos, o método utilizado é a pesquisa bibliográfica para fundamentar teoricamente o trabalho, através das fontes secundárias, ou seja, livros, artigos científicos, revistas especializadas, dissertações, periódicos e formulário através da internet. Pois segundo Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa bibliográfica abrange todo o referencial teórico já tornado público em relação ao tema de estudo.

Quanto à metodologia, a pesquisa é qualitativa, para comparar os indicadores do franchising divulgados pela ABF dos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016;

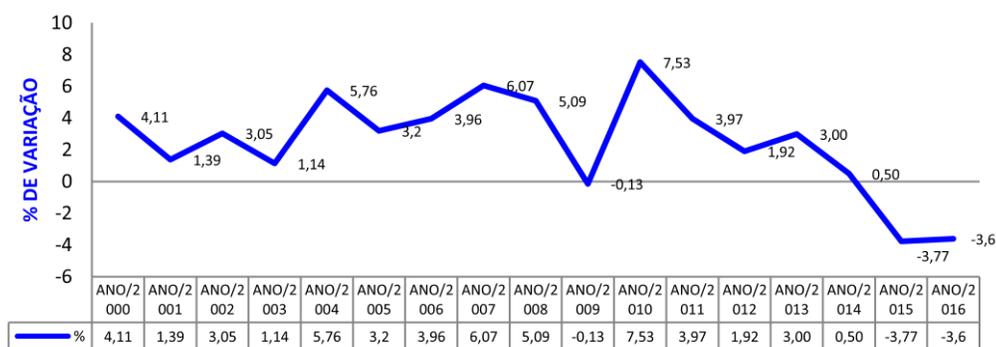
Os dados levantados foram coletados, tabulados e analisados das informações geradas pela ABF, além de artigos publicados, sites especializados, reportagens de jornais, órgãos governamentais, IBGE, dentre outros.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Economia é a ciência da escassez. E como tal deve ser gerida. Existem períodos dentro da sociedade de prosperidade econômica e outros períodos em que há uma retração da economia que em alguns casos pode-se chamar de recessão. A recessão configura-se como um período de declínio da atividade econômica, caracterizada por queda na produção, aumento do índice de desemprego, redução da taxa de lucros, e pode ser por um breve período ou longo período.

O Brasil experimentou ao longo das últimas décadas e mais especificamente de 2000 a 2016 certos períodos de instabilidade econômica, notou-se que no período compreendido entre 2004-2010 houve uma expansão econômica expressa por altos índices de crescimento do seu PIB – Produto Interno Bruto, especificamente nesse período o país experimentou taxas médias de crescimento em torno de 4,5%, sendo que no mesmo período os países mais desenvolvidos experimentaram taxas em torno de 1,7%, porém

Gráfico 1 – Evolução anual do PIB brasileiro (2000 – 2016)



Fonte: IBGE

Tabela 1 – Taxas médias de crescimento do PIB

	1982-1994	1995-2002	2003-2010	2011-2014	2011-2015E	2015-2020E
Mundo	3,2	3,5	4,2	3,6	3,5	3,7
América Latina e Caribe	2,3	2,2	4,1	3,1	2,4	1,8
América Latina e Caribe exceto Brasil	2,3	2,0	4,1	3,5	3,0	2,2
Brasil	2,4	2,4	4,0	2,2	1,1	0,9

Fonte: FMI, World Economic Outlook de Outubro de 2015

pós 2010, mais especificamente no período compreendido entre 2011-2016 o país desacelerou seu crescimento com uma taxa média de 0,33%, e conforme previsões do IBRE Instituto Brasileiro de Economia para 2017 o índice foi revisado para 0,2% e para 2018 a previsão é de 1,8%, ou seja, uma recuperação lenta, muito em decorrência de um crescimento abaixo do esperado pela indústria de transformação e baixo desempenho da agropecuária.

As variações da evolução do PIB por si só se apresentam e confirmam-se os períodos dessa instabilidade, ou seja, não há uma linearidade nos resultados, claro que deve-se considerar que, isso pode ocorrer tendo em vista que a economia é afetada por fatores: externos e internos, e os picos indicam de certa forma o grau de instabilidade isso ocorre muito em decorrência da política econômica adotada pelo país, ou seja, a forma como o país internamente conduz sua economia. Deste modo, conforme demonstrado

no gráfico 1, está a evolução do PIB brasileiro de 2000 a 2016.

Comparou-se então a posição do país em relação aos países da região que compõem a América Latina das taxas médias de evolução do PIB Na América Latina, e percebeu-se que o desempenho brasileiro mostrou-se relativamente em compasso com os demais países da região, principalmente no período compreendido entre 2003-2010, quando os países que compõem o bloco econômico da América Latina experimentaram índices em torno dos 4,0%, e assim como vizinhos da América Latina houve um claro recrudescimento pós 2010, com índices menores, porém percebeu-se que o Brasil experimentou um declínio mais acentuado que eles, conforme nos mostra a tabela 1, abaixo, o que demonstra uma clara percepção da fragilidade de nossa economia.

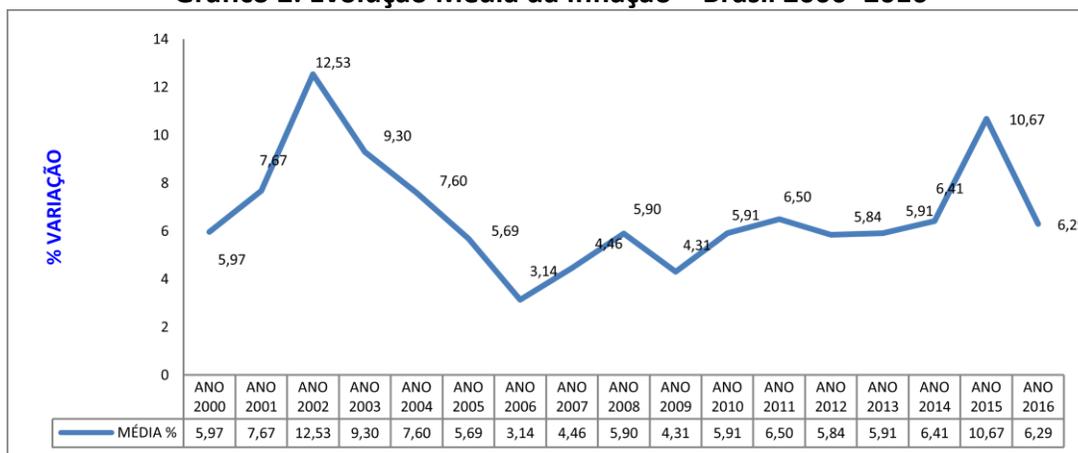
Nota-se na tabela acima que o país experimentou índices de crescimentos abaixo dos verificados em relação ao Mundo que foi de 2,2% contra

3,6% no período compreendido entre 2011-2014 e o panorama, embora em menor proporção repete-se regionalmente agora com os indicadores registrarem os mesmos 2,2% contra 3,5% dos países vizinhos.

bens de consumo que normalmente tem, traduzida por um excesso de demanda agregada em relação à produção de bens e serviços disponível no mercado.

Pelo lado da oferta, o empresário fica reticente

Gráfico 2: Evolução Média da Inflação – Brasil 2000–2016



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Índices de Preços, Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

Após a contextualização da situação de seu desempenho econômico pela ótica do PIB brasileiro em relação ao mundo e a região no qual está situado, busca-se nesse contexto, fazer uma sucinta análise dos principais indicadores macroeconômicos, que influenciaram e muito o atual quadro recessivo pelo qual o país atravessa.

Como analisou-se a taxa de crescimento pelo PIB, passa-se a partir de agora a analisar outro indicador muito importante dentro da conjuntura econômica, que busca sua estabilidade, que é a inflação.

Portanto, dentro da conjuntura econômica, outro indicador é a Inflação. Para Nogami e Passos (2017:), inflação é: "... o processo persistente de aumento do nível geral de preços, o que resulta em perda do poder aquisitivo da moeda". A inflação é prejudicial na economia porque, reduz o poder de compra do cidadão e por consequência reduz a demanda por produtos, a chamada inflação de demanda, nada mais é que o assalariado quase que impedido de ter acesso aos

em função das incertezas que o cercam e assim não tem a certeza de seus custos e vendas futuras, e nesse quadro temos então uma inibição em investimentos produtivos.

Evidencia-se conforme gráfico abaixo a evolução dos índices inflacionários brasileiros de 2000 a 2016, em cima do qual se fez uma análise conjuntural do comportamento dessa métrica macroeconômica.

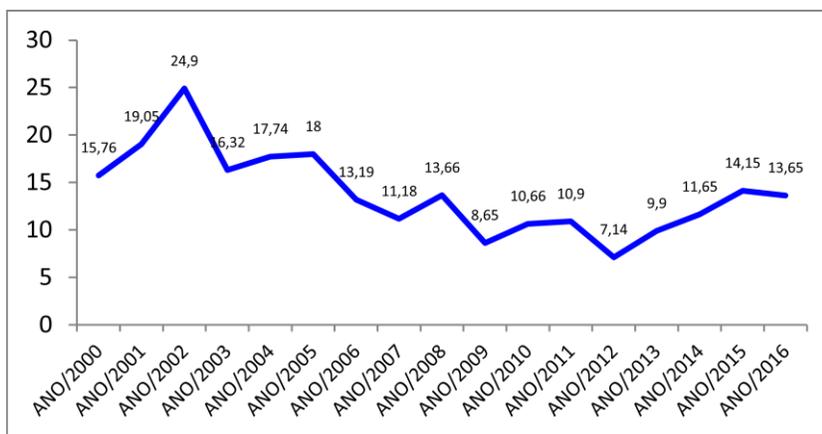
No período compreendido entre 2004-2010 o país acumulou uma inflação média de 5,29%, contra uma inflação média de 6,94% para o período de 2011-2016, o que nos levaria a um paradoxo. Como que um país experimentando um processo de recessão pode apresentar taxas inflacionárias tão altas? Os números apresentados permitem-nos a dizer que na realidade que o País está atravessando uma fase de estagflação, que se configura como sendo período em que o país experimenta período de taxas altas de desemprego com inflação, ou recessão. Um fator que devesse registrar é que essa inflação é

fortemente influenciada por um mercado fortemente oligopolizado, através do qual as firmas oligopolistas elevam seus lucros acima dos custos de produção.

Deste modo, outro ponto delicado e controverso é a taxa de poupança e taxa de juros. A taxa de juros é um índice regulado pelo Banco Central do Brasil pelo COPOM (Comitê de Política Monetária)

No período analisado se tem a taxas de juros comparando com outras nações do mesmo “porte” (emergentes) brasileiro tem-se uma taxa muito acima desse bloco. A taxa de juros elevada tem várias explicações na literatura atual, uma possível, mas não conclusiva e efetiva razão seria, na visão de Favero e Giavazzi (2002), uma elevada dívida pública, Rogoff (2005), afirma que embora o Brasil já não tenha mais uma elevada dívida

Gráfico 3 – Evolução anual da Taxa de juros SELIC %



Fonte: Banco Central do Brasil

através da Taxa de Juros SELIC, estabelecida mensalmente, taxa de juros essa que regula e sinaliza ao mercado futuras transações comerciais, que interferem diretamente no consumo e nos investimentos, muito em decorrência do índice apresentado. Serve como instrumento de política monetária, pois quando a inflação está sob controle e o governo quer estimular o consumo e a taxa de investimento, estimulando assim a geração de empregos, então opta por taxas mais baixas, por outro lado, caso a inflação esteja fugindo ao controle, o governo eleva a taxa de juros SELIC, para inibir assim o consumo, reduzindo assim a pressão inflacionária.

Quando eleva a taxa de juros o governo eleva também sua dívida, quando reduz, por outro lado, também reduz sua dívida, porém induz a uma inflação de demanda devido maior facilidade na obtenção de crédito.

pública, em relação ao seu passado histórico, pago pelo histórico de defaults- reestruturação da dívida (sete no período compreendido entre 1824-2004), um prêmio de risco elevado, puxando a taxa de juros para cima.

A debilidade institucional dos agentes econômicos e políticos, que em primeira instância deveriam ser garantidores do cumprimento de direitos de propriedade e de contratos firmados, aliado a certa dependência do Banco Central às mesmas instituições políticas e econômicas, geram instabilidade que contribuem para parcela significativa da elevação da taxa de juros. Outro ponto a se considerar ainda diz respeito à baixa taxa de poupança doméstica, apontada por Feldstein e Horioka (1980), Rogoff e Obstfeld (2000) e de la Torre e Ize (2015), que demonstraram que existe uma forte correlação entre poupança doméstica e investimento. Hausman (2008) afirma ainda que baixa

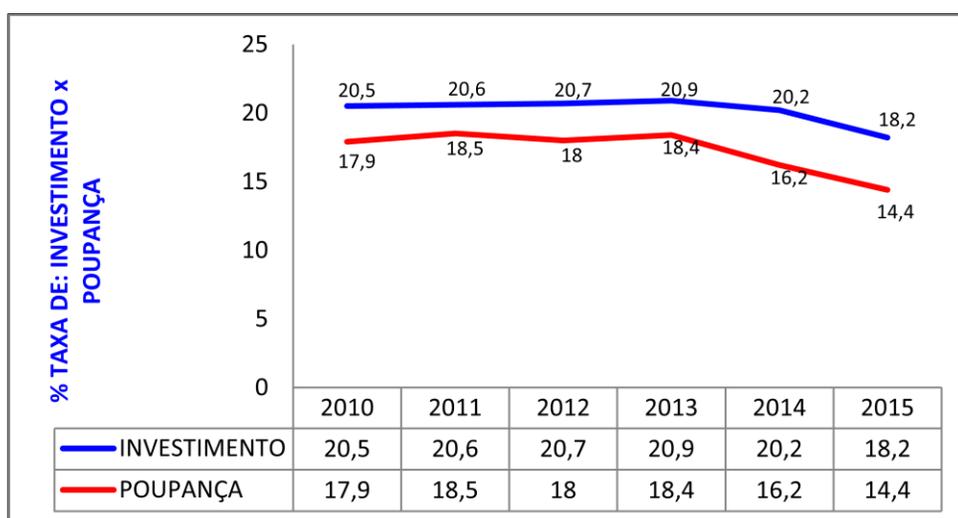
poupança além de pressionar a taxa de juros ainda reduz a taxa de crescimento econômico.

Pode-se verificar que após passar por um período de redução consideráveis nas taxas de juros em 2012, a taxa de juros volta a crescer durante o período 2013-2016, mesmo assim bem inferiores aos registros históricos, embora ainda a frente das outras economias emergentes. Como, conforme acima, a taxa de juros sofre forte influência da poupança doméstica, torna-se

para o Brasil mudar seu viés histórico de promover o crescimento através do consumo, sistema hoje exaurido, para um modelo baseado em investimento, o que é mais natural, mas antes se torna necessário promover um ajuste fiscal através da contenção dos gastos públicos.

A formação bruta de capital fixo (o investimento) no Brasil é muito baixa como proporção do PIB na comparação com outros países emergentes, torna-se então necessário aumentar este número.

Gráfico 4 – Evolução anual: Investimento X Poupança – Brasil em % do PIB



Fonte: IBGE

necessário estimular o crescimento da poupança interna, revertendo o histórico recente de queda, que poderia se dar através de uma política fiscal mais consistente e crível, embora de difícil execução, o direcionamento para queda das taxas de juros é fator primordial para reverter à situação e o país voltar a crescer.

Na esteira da poupança, tem-se que analisar a conta investimento dentro das contas nacionais, indicador importante para contribuir para o desenvolvimento de qualquer nação. O gráfico (4) abaixo nos mostra a evolução entre: taxa de investimento X taxa de poupança em termos percentuais em relação ao PIB no período compreendido entre 2010-2015.

O investimento é a via natural para se promover o desenvolvimento e o crescimento econômico, e

Desta forma, a força de trabalho claro que precisa muito de capital (investimento) para ser produtiva. A FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo), ou o estoque de capital está encolhendo, isso por si só afeta negativamente a produtividade freia o crescimento.

Nos anos de 2000 a 2004 cresceram as exportações e retraiu-se as importações, resultado: inverteu-se o resultado da conta corrente do balanço de pagamentos daí reduziu-se o consumo e o investimento ficou estagnado. No período compreendido entre 2005-2011 nova inversão nas contas externas: PIB crescendo a taxas em torno dos 4% a.a., consumo e investimento crescem com taxas superiores as da economia.

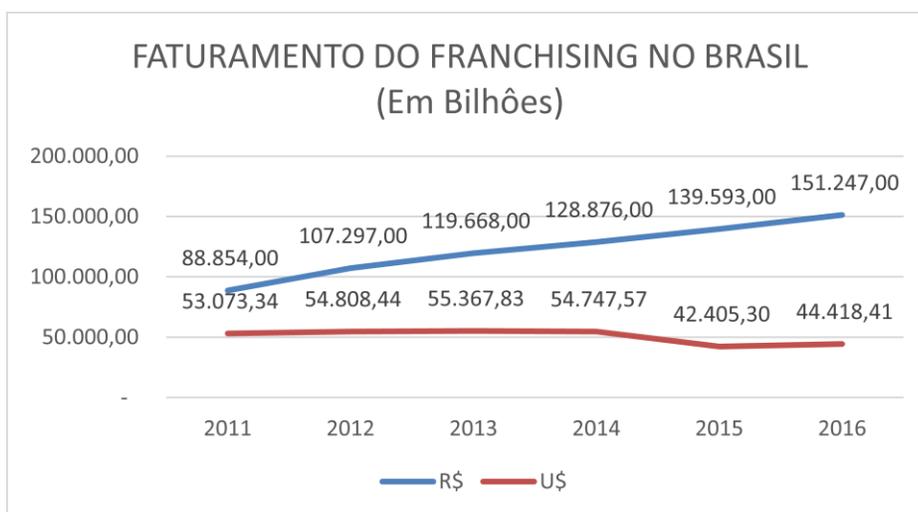
Em 2016 o índice da taxa de investimento caiu de 18,2% em 2015 para 16,4% e o índice de poupança recuou de 14,4% para 13,9%, ou seja, manteve-se o declínio das taxas, e todos é sabido que sem investimento não há crescimento, portanto torna-se necessário que se promova em caráter de urgência reformas que viabilizem a retomada do crescimento econômico.

Por último analisou-se a questão da produtividade, visto que anteriormente o país tinha promovido via política de expansão de gastos e o país experimentou taxas de crescimento do PIB entre 2010 e 2014 a taxas

que nos demais períodos as taxas igualmente não são nada animadoras, senão vejamos: 1991-1994 – 0,40%; 1995-1998 – 1,10%; 1992-2002 1,10%; 2003-2006 – 1,50%; 2007-2010 – 2,50%; 2011-2014 – 1,70%., concluiu-se que a longo prazo a desaceleração do índice produtividade total dos fatores foi proporcionalmente menor do que a do PIB.

Deste modo, percebe-se que o Brasil está em crise econômica nos últimos anos, afetando a produtividade, a geração de riqueza e renda, a geração de emprego, ou seja, a crise econômica afeta a economia como um todo, causando

Gráfico 5 - Faturamento do Franchising de 2011 a 2016.



Fonte: ABF

próximas a 4% a.a., esquecendo-se porém de crescer em produtividade, fator imprescindível para o crescimento e desenvolvimento de uma nova economia robusta.

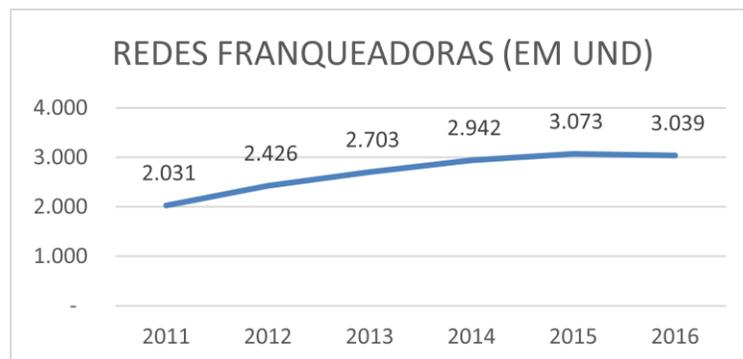
Para medir o crescimento da produtividade do trabalho, é necessária acumulação de capital físico (máquinas, equipamentos e construção) e capital humano (educação) e de altas taxas da PTF Produtividade Total dos Fatores, que conforme Veloso *et al* (2013:8), é definida como: "...uma medida da eficiência agregada da economia, que inclui a tecnologia e a eficiência da alocação dos fatores de produção." E o Brasil tem tido uma retração nesse indicador tendo atingido a inexpressiva taxa de 0,8% entre 2008-2012, sendo

recessão na atividade produtiva, na geração de emprego, na diminuição do PIB, causando aumento de preços e criando inflação.

Sendo assim, o modelo de negócio de franchising no Brasil, também foi afetado pela crise econômica que assola o país nos anos de 2014 a 2016, ou, em contramão da economia, o setor de franquias obteve evolução no período de 2011 a 2016. Portanto, a partir deste ponto, analisa-se o setor de franchising nos anos de 2011 a 2016.

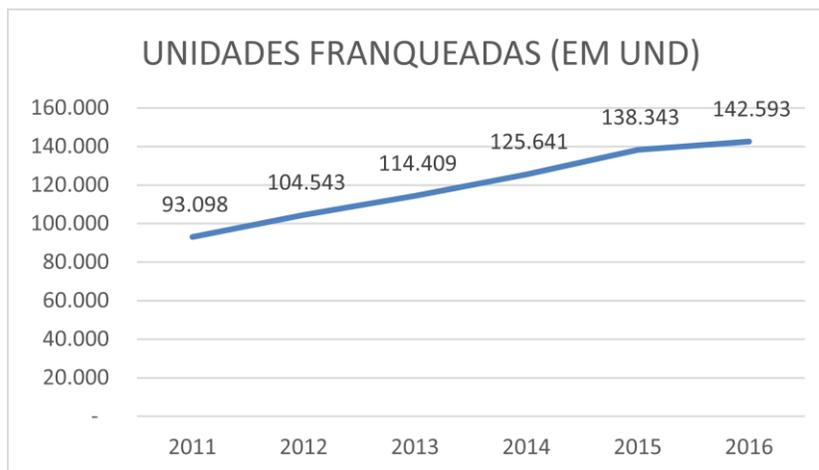
O primeiro indicador a ser analisado é o faturamento do Franchising, nos anos de 2011 a 2016.

Gráfico 6 – Redes Franqueadoras de 2011 a 2016.



Fonte: ABF

Gráfico 7 – Unidades Franqueadas de 2011 a 2016



Fonte: ABF

O indicador de faturamento apurados pela ABF nos anos de 2011 a 2016, apresentou os seguintes resultados: em 2011 o faturamento foi de R\$ 88.854,00 em bilhões de reais tendo um aumento em 2012 para R\$ 107.297,00 com um aumento de 20,76% em relação ao ano anterior, em 2013 houve um aumento para R\$ 119.668,00 com aumento de 11,53% em relação ao ano anterior e em 2014 no início da crise econômica brasileira houve um aumento R\$ 128.876,00 com um aumento de 7,69% em relação ao ano anterior, no ano de 2015 ano de recessão houve um aumento no valor faturado sendo de R\$ 139.593,00 com um aumento de 8,32% em relação ao ano anterior, e em 2016 apresentou um faturamento de R\$ 151.247,00 com um

aumento de 8,35% em relação ao ano anterior. Se considerar o faturamento em Dólares americanos a questão torna-se totalmente diferente, considerando uma moeda estável, os valores apurados em porcentagem foram, de 2011 para 2012 houve um aumento de 3,27 %, de 2012 para 2013 houve um aumento de 1,02%, de 2013 para 2014 houve um decréscimo de 1,12%, de 2014 para 2015 houve um decréscimo de 22,54% e de 2015 para 2016 houve um aumento de 4,75%.

O indicador de Redes Franqueadoras apurados pela ABF nos anos de 2011 a 2016, apresentou os seguintes dados: no ano de 2011 haviam 2.031 unidades, tendo um aumento no ano de 2012 para 2.426 unidades com aumento de 19,45% em

relação ao ano anterior, no ano de 2013 haviam 2.703 unidades com aumento de 11,42% em relação ao ano anterior, no ano de 2014 haviam 2.942 unidades com um aumento de 8,84% em relação ao ano anterior, no ano de 2015 haviam 3.073 unidades com um aumento de 4,45% em relação ao ano anterior, no ano de 2016 haviam 3.039 unidades com um decréscimo de 1,11% em relação ao ano anterior.

O indicador de Unidades Franqueadas apurados pela ABF nos anos de 2011 a 2016, apresentou os seguintes dados: no ano de 2011 haviam 93.098 unidades, tendo um aumento no ano de 2012 para 104.543 unidades com aumento de 12,29% em relação ao ano anterior, no ano de 2013 haviam 114.409 unidades com aumento de 9,44% em relação ao ano anterior, no ano de 2014 haviam 125.641 unidades com aumento de 9,82%, no ano de 2015 haviam 138.343 unidades com um aumento de 10,11%, no ano de 2016 haviam 142.593 unidades com um aumento de 3,07% em relação ao ano anterior.

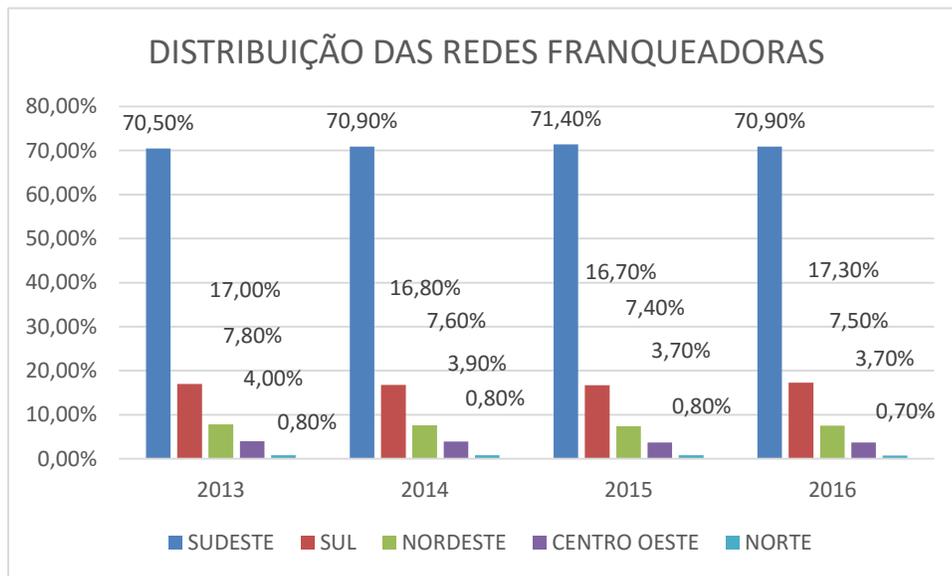
O indicador de Distribuição das Redes Franqueadoras apurados pela ABF nos anos de 2013 a 2016, apresentou os seguintes dados: no ano de 2013 demonstra que a região sudeste possuía 70,50%, Sul possuía 17,00%, Nordeste possuía 7,80%, Centro Oeste possuía 4,00% e região norte possuía 0,80%. No ano de 2014 demonstra que a região sudeste possuía 70,90%, Sul possuía 16,80%, Nordeste possuía 7,60%, Centro Oeste possuía 3,90% e região norte possuía 0,80%. No ano de 2015 demonstra que a região sudeste possuía 71,40%, Sul possuía 16,70%, Nordeste possuía 7,40%, Centro Oeste possuía 3,70% e região norte possuía 0,80%. No ano de 2016 demonstra que a região sudeste possuía 70,90%, Sul possuía 17,30%, Nordeste

possuía 7,50%, Centro Oeste possuía 3,70% e região norte possuía 0,70%.

O indicador de Unidades Franqueadas por Região apurados pela ABF nos anos de 2013 a 2016, apresentou os seguintes dados: no ano de 2013 demonstra que a região sudeste possuía 58,70%, Sul possuía 14,50%, Nordeste possuía 14,50%, Centro Oeste possuía 8,00% e região norte possuía 4,30%. No ano de 2014 demonstra que a região sudeste possuía 58,80%, Sul possuía 14,90%, Nordeste possuía 14,10%, Centro Oeste possuía 8,00% e região norte possuía 4,20%. No ano de 2015 demonstra que a região sudeste possuía 57,10%, Sul possuía 15,30%, Nordeste possuía 14,90%, Centro Oeste possuía 8,20% e região norte possuía 4,50%. No ano de 2016 demonstra que a região sudeste possuía 56,50%, Sul possuía 15,60%, Nordeste possuía 15,20%, Centro Oeste possuía 8,20% e região norte possuía 4,50%.

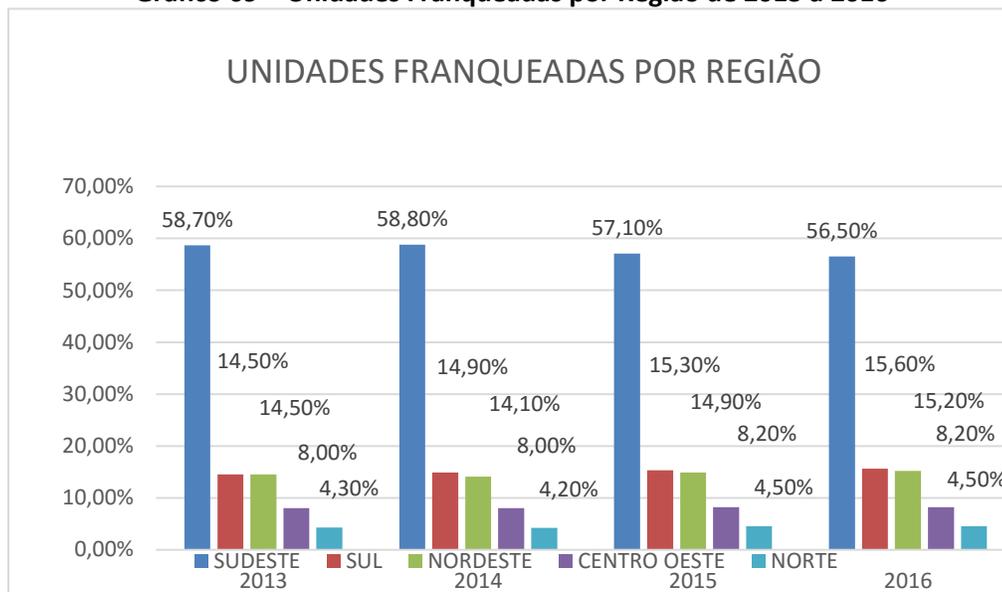
O indicador de Empregos apurados pela ABF nos anos de 2011 a 2016 apresentou os seguintes dados: no ano de 2011 havia 837.882 pessoas, no ano de 2012 haviam 940.887 pessoas com um aumento de 12,29% em relação ao ano anterior, no ano de 2013 a quantidade de pessoas foram de 1.029.681 com um aumento de 9,44% em relação ao ano anterior, no ano de 2014 a quantidade de pessoas foram de 1.096.859 com aumento de 6,52% de aumento em relação ao ano anterior, no ano de 2015 a quantidade de pessoas forma de 1.189.785 com um aumento de 8,47 % em relação ao ano anterior e no ano de 2016 a quantidade de pessoas foram de 1.192.495 com um aumento de 0,23% em relação ao ano anterior.

Gráfico 8 – Distribuição das Redes Franqueadoras de 2013 a 2016



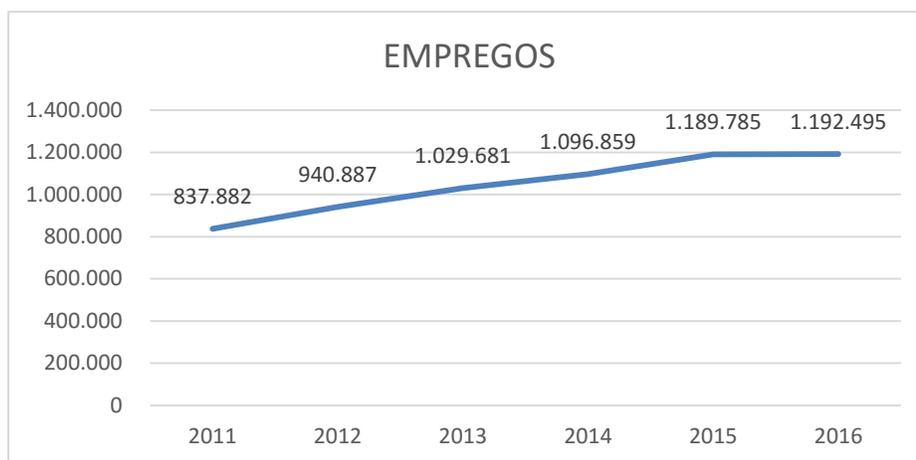
Fonte: ABF

Gráfico 09 – Unidades Franqueadas por Região de 2013 a 2016



Fonte: ABF

Gráfico 10 – Empregos de 2011 a 2016



Fonte: ABF

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se considerar que através das análises realizadas dos dados publicados anualmente pela ABF, conclui-se que a crise econômica e financeira que assola o Brasil, nos anos de 2014, 2015 e 2016, não está afetando o setor de Franquias no Brasil, a atividade de Franchising ao contrário demonstra que está em evolução, pode-se verificar que o faturamento anual de 2011 no valor de R\$ 88.854,00 de bilhões de reais, corrigido pela IPC-A (IBGE) no período de 01/2012 à 12/2016, o valor corrido é de R\$ 124.670,03 bilhões de reais, considerando o valor ajustado, pode-se verificar uma grande acréscimo de 17,57% no faturamento, considerando o faturamento de 2012 já corrigido pela IPC-A (IBGE) o valor de R\$ 142.242,28 em bilhões de reais com um acréscimo de 5,95% no faturamento, considerando o faturamento de 2013 também corrigido pela IPC-A (IBGE) o valor de R\$ 149.788,63 de bilhões de reais com um acréscimo de 0,96%, considerando o faturamento de 2014 também corrigido pela IPC-A (IBGE) o valor de R\$ 151.600,33 com um decréscimo de 0,23%, considerando o faturamento de 2015 também corrigido pela IPC-A (IBGE) o valor de R\$ 148.370,69 com um acréscimo de 1,90%, demonstrando que o índice de atividade do setor

de franquias não foi afetado pela grave crise econômica que o Brasil passou nos anos de 2014 a 2016.

Outro índice que comprova o bom desempenho do setor de franquias, mesmo no período de grave crise econômica que o Brasil está passando, foi a de geração de empregos pelo setor de franquias, demonstrando que em todos os anos houveram aumentos na quantidade empregada, passando de 837.882 pessoas empregadas em 2011, para 1.192.495 pessoas empregadas em 2016, com um aumento no período de 29,74%. Portanto, pode-se concluir que houve um aumento do setor de franquias no período de grave crise econômica que o Brasil está passando.

O segmento de franquias no Brasil é uma modalidade de negócios muito utilizada e continua caminhando para seu amadurecimento. Mesmo diante da crise econômica que o Brasil está atravessando, o segmento apresenta crescimento, como demonstra os números apresentados e divulgados pela ABF. Portanto, para empreendedores que buscam investir em um negócio seguro, 2017 pode ser o momento para aplicar em uma rede franqueada. De acordo com a ABF, a projeção para 2017 é que a receita cresça em torno de 7 a 9%. É um sistema muito popular, pois permite abrir o próprio negócio aproveitando uma marca conhecida, sem ter que

fazer os pesados investimentos que demandam a construção de uma marca própria.

REFERÊNCIAS

- BANCO CENTRAL DO BRASIL, Calculadora do Cidadão. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPUBLICO/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores&aba=1>>. Acesso em 15/08/2017.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL, Relatório de Estabilidade Financeira. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2003_novembro/ref200310completo.pdf>. Acesso em: 17/07/2017.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL, Indicadores econômicos consolidados. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/Indeco/Port/indeco.asp>>. Acesso em 16/05/2017.
- BORINI, Felipe Mendes; SOUZA, Milena Gonçalves De Britto; BISKAMP, Stephanie Costa Ferreira; COELHO, Fabiana Cristina; SADZINSKI, Anjeéri Luiz. A influência dos traços da cultura brasileira no processo de internacionalização das franquias nacionais. *Gestão Contemporânea*, Porto Alegre, ano 10, n. 13, p. 313-338, jan./jun. 2013.
- BRASIL. Lei no 8.955. Promulgada em 15 de Dezembro de 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8955.htm>. Acesso em 01/08/2016.
- FÁVERO, C.; GIAVAZZI, F. Why are Brazil's interest rate so high? IGIER, Università Bocconi, Milan, Italy, 2002. Mimeograf.
- FELDSTEIN M. and C. HORIOKA (1980), "Domestic Saving and International Capital Flows," *The Economic Journal*, 90; June, 314-29.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND. World Economic Outlook Update. Disponível em: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/update/01/>>. Acesso em 15/07/2017.
- IBGE. Indicadores. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores>. Acesso em 14/07/2017.
- KLAFKE, Karlise. As ações as franquias na produção do espaço urbano de pequenas cidades. *Anais do XI-ENANPEGE*. ISSN 2175-8875. 2015.
- LIMA JÚNIOR, Aloísio Soares; LUNA, Rosemar Martins; SOUZA, Ana Rosa de. Evolução do Sistema de Franquias no Brasil. *REmark – Revista Brasileira de Marketing*. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 94-112, jan/abril. 2012.
- MARQUES, Dalton Siqueira Pitta; MERLO, Edgard Monforte; LUCCHESI, Cesar Augusto Medeiros. Os motivos envolvidos na internacionalização de franquias brasileiras. *Facef Pesquisa – V.8 – N.2 – 2005*.
- PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. *Princípios de Economia*. 7a. São Paulo: Cengage Learning. 2017.
- PORTAL ABF, Números do Franchising mostrando o desempenho do setor. Disponível em: <<http://www.abf.com.br/numeros-do-franchising/>>. Acesso em 27/07/2017.
- ROGOFF, Barbara. A natureza cultural do desenvolvimento humano. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SOUZA, Gabriel Camargo de; LOURENZANI, Ana Elisa Bressan Smith. A importância do perfil do franqueado para o sucesso das franquias: uma análise da capacidade empreendedora. *REBRAE. Revista Brasileira de Estratégia*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 115-127, maio/ago. 2011
- THE WORLD BANK. World Development Indicators. Disponível em: <<http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=2&series=NY.GDP.MKTP.KD.ZG&country=BRA#>>. Acesso em 17/07/2017.
- WIKIPÉDIA, Crise econômica no Brasil em 2014-2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_econ%C3%B4mica_no_Brasil_em_2014%E2%80%932017> Acesso em 03/05/2017.